

GIROUX, Henry. **Teoria Crítica e Resistência em Educação, Para além das Teorias de Reprodução.** Petrópolis: Vozes, 1986. Tradução de Ângela M.B. Biaggio.

GIROUX LAVRA NO BOLOR DA ESCOLA

A Educação é cartografável. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que a Educação vai se expressando em doutrinas pedagógicas, as quais implícita ou explicitamente se baseiam em uma filosofia de vida, concepção de homem e de sociedade. Ainda, "quando se pode localizar, numa rede de coordenadas", as realidades sociais concretas e os processos educacionais que se efetivam através de instituições específicas — família, igreja, escola, comunidade, instituições porta-vozes de uma determinada doutrina pedagógica.

Assim, o pré requisito para se ler "Teoria Crítica e Resistência em Educação" é apenas um: deixar para trás aquele modo de pensar que busca uma verdade definitiva "por trás" dos fatos sociais. Henry Giroux, "cartógrafo" da resistência, propõe um outro modo de funcionamento do pensar, uma visão radical de Educação, inspirada na Escola de Frankfurt, integrando e superando as posições neomarxistas da teoria da reprodução de Althusser, Bourdieu e Passeron, Bowles e Gintis. Ainda, incorporando idéias de Gramsci e Paulo Freire.

Mergulhado no plano do invisível — aquele da sensibilidade, fala desde intensidades e não apenas a partir do captável a olho nu; pensa o desejo e a esperança como componente de produção do real ao invés da linguagem de desespero comumente apresentada pelos autores da esquerda a respeito do papel da Educação.

"Teoria Crítica e Resistência" se produz como linguagem armando estratégias, construindo instrumentos e montando guias de percurso. "Teoria e Discorso Crítico", parte primeira do livro, trata as categorias da história, da sociologia, da psicologia profunda, da reprodução/resistência e acomodação, no processo de escolarização. Já "Resistência e Pedagogia Crítica", parte segunda, trata as categorias de ideologia, cultura, esfera pública, coragem cívica e cidadania.

Define-se daí a meta do livro, de que se fixa aqui uma das muitas reiteradas enunciações: "no sentido mais importante representa uma tentativa de se basear, apresentar e avançar os aspectos de uma política e uma pedagogia radical que estão agora se desenvolvendo, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Questões a respeito da cultura e ideologia, estrutura e ação, linguagem e poder, sexo e classe, são todas parte de uma tentativa, por parte dos radicais americanos de várias orientações esquerdistas, de renovar a política de possibilidade, dentro de uma pedagogia radical mais ampla, que luta a favor das crianças de todo o mundo. Neste esforço, espera-se que as diferenças teóricas e políticas que frequentemente separam os educadores de esquerda e os outros, encontrem um terreno comum, que dê primazia à luta contínua pela democracia com intenção radical, que reconheça na diferença os elementos do que significa não apenas dialogar, mas também abraçar, que subordine distinções acadêmicas a uma luta coletiva pela alteração e melhoria qualitativa das bases em que a vida é vivida". (p.12/13).

Redefinindo Paulo Freire, quando afirma que "é impossível entrar em contacto com Giroux como pessoa ou com seu trabalho sem reagir" (p.10), pode-se dizer que com Giroux tem-se a sensação do estar sendo arrastado num torvelinho, viagem que tra

duz uma vontade: a do jogo. Nas palavras do próprio autor, um jogo entre história, memória, voz e ação é que por essa razão deixa a história em aberto. Aí está a base para novas formas de pedagogia, nas quais pode-se produzir e experienciar, de maneira subjetiva, formas sociais e culturais, que permitirão aos homens e mulheres criar um discurso e um conjunto de relações sociais comunitárias, também novas.

O "cartógrafo" Giroux — estrategista na produção de um novo conhecimento pedagógico, proporciona outra viagem: a de um espantoso processador de uma quantidade avassaladora de pensamentos. Sorvida nessa viagem fica difícil à leitora - resenhadora, desenredar-se para tentar o diálogo crítico, ser a processadora do processador, em suma.

Então é deixar-se levar pelo autor-guia, tentando apenas sorver as grandes linhas do itinerário; ir assinalando impressões, aquelas que suscitaram o desejo de embarcar na voragem totalizadora de abarcar o mundo, a lembrar versos de Drummond poeta:

1968 — "Qualquer tempo é
tempo
(...)
Nenhum tempo é tempo
bastante para a ciência
de ver, rever
(...)"

A viagem inicia-se introspectiva/retrospectiva. Abre-se o livro com a questão do objeto do desejo do próprio autor. Saber da chegada de um bebê recém-nascido à sua casa, através de uma agência de adoção, e indagar do tipo de mundo que esse jovem herdaria: um mundo que não apresenta bons augúrios, mas diante do qual não se pode permanecer passivo. "Subjacentes à dor e sofrimento existentes estão instâncias de lutas, memórias de conflito, nor-

teadas pelos imperativos de esperança e justiça", diz o pai adotivo. (p.11). Daí Giroux sair não apenas para rever tempos e espaços pedagógicos, mas, através da teoria crítica e de diferentes autores habitados pelo mesmo desejo, para ver e propor novas trajetórias pedagógicas.

Numa escrita obsessivamente totalizadora — angústia — de não deixar nada escapar, a paixão não é nem o idealismo subjetivista nem o objetivismo mecanicista, mas uma imersão crítica na história. Os enfoques registram, no livro todo, que as escolas não são instituições neutras que preparam igualmente os alunos para oportunidades sociais e econômicas na sociedade; que um aspecto essencial da pedagogia radical é a necessidade de os estudantes questionarem criticamente suas histórias e experiências íntimas, para serem capazes de entender como elas são reforçadas, contraditas e suprimidas, como resultado de ideologias mediadas através das práticas que caracterizam a vida diária da sala de aula, em sociedades repressivas; que os educadores radicais devem, através de uma radicalização da consciência, promover a reconstrução das relações sociais que reforçam materialmente a lógica dos interesses emancipatórios.

Vale a viagem apesar dos percalços. Corre-se o risco de se perder nos volteios dos meandros que o saber de Giroux vai cartografando. Arrisca-se a afundar numa torrente sempre engrossada por novos fios de água, dado o formidável poder crítico-associativo do autor e graças a artilosa abordagem, muitas vezes por construções negativas/jogo de hipóteses, utilizada na feitura do texto.

Nessas ocasiões é o ritmo de cabotagem que precisa ser adotado. A acuidade do olhar — e da reflexão, permite a abertura de enredadas trilhas

para se desmontar as práticas educacionais e organizacionais da escola, levantar hipóteses sobre a lógica que lhe é própria, e, finalmente, acenar com novas especificidades e individualidades.

"Esfregar a história com grãos", para ler a gramática profunda da ordem social vigente é solicitação de W. Benjamin. Precisar o significado que a escola pode vir a ter na chamada "elevação cultural das massas" e apontar sua importância no processo geral da luta hegemônica, é o propósito de Giroux.

Com Habermas ele chega à noção de esfera pública, quando as escolas são vistas como sendo apenas um espaço significativo, que apresenta uma "abertura" para revelar ideologias opressivas. Não é esta entretanto uma proposta chapada, atemporal. O estrategista cartógrafo Giroux tem apenas um princípio, e esse é extramoral: a expansão da vida através da esperança.

A escola é local de dominação e reprodução, mas ao mesmo tempo permite às classes oprimidas um espaço de resistência. O comportamento de oposição precisa se tornar o objeto de esclarecimento teórico bem como base para possíveis considerações de estratégia radical. Então, o critério é o respeito às possibilidades da vida e ao grau de potência que a sociedade tem para a criação de novos mundos.

Um último reparo. O próprio Giroux é corpo vibrátil, mergulhado nas intensidades de seu tempo, fazendo encontro com outros corpos. O filho adotivo hoje está com seis anos de pura invenção de saídas para a vida. Ao lado do pai, deve estar maquinando desejos que expressam afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos.

O pai/professor deve estar decifrando com

o filho/aluno como os modos de produção cultural de mostrados pelos subordinados podem revelar seus limites, bem como possibilidades para permitir o pensamento crítico, o discurso analítico e novos modos de apropriação cultural. Teoricamente, o pai/pensador deve estar maquinando como indicar para o filho a necessidade de se reformular a relação entre ideologia, cultura e hegemonia, para tornar claros os meios pelos quais essas categorias podem aumentar a compreensão de resistência, bem como de tais conceitos pode-se formar uma base teórica para uma pedagogia radical que leve a sério a ação humana.

Parecem estranhas essas colocações? Não! Basta lembrar Paulo Freire e a noção de alfabetização crítica que destrói a impotência, coloca voz nas pessoas e fornece-lhes instrumentos para pensar e agir reflexivamente. Numa palavra: conscientização.

Assim, com "Teoria e Resistência em Educação" acompanha-se o "cartógrafo" Giroux num desmanchamento de certos mundos e na formação de outro, assentado numa meta só: cada um ir desenhando dialeticamente na sociedade maior, como professor e como cidadão, o seu mapa de liberdade em direção à criação de um mundo melhor. É o utopismo concreto, uma questão de transcendência.

Maria Lucia de Amorim Soares